



HAL
open science

GRACIOSA OU VIRIL? A POSTURA DAS AMAZONAS NO SÉCULO XIX

Gabrielle Houbre

► **To cite this version:**

Gabrielle Houbre. GRACIOSA OU VIRIL? A POSTURA DAS AMAZONAS NO SÉCULO XIX.
Revista Gênero, 2007, 7 (2), pp.13-20. hal-01353782

HAL Id: hal-01353782

<https://hal.science/hal-01353782>

Submitted on 16 Aug 2016

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

GRACIOSA OU VIRIL? A POSTURA DAS AMAZONAS NO SÉCULO XIX

Gabrielle Houbre

Resumo: *No século XIX, a obsessão pela diferença dos sexos não permitiu o desenvolvimento da equitação feminina a não ser legitimando a prática específica de montar "em amazona", ou seja, sentada sobre o lado esquerdo do cavalo com as duas pernas unidas. Essa forma de montar atende às regras da "boa educação", e uma prática racionalizada de equitação é, então, encorajada desde a Monarquia de Julho para lutar, entre outras coisas, contra certa languidez das damas, julgada excessiva. Este artigo analisa as diferentes faces da equitação feminina do período e a apropriação física e simbólica, pelas mulheres, da maneira masculina de montar.*

Palavras-Chave: *equitação feminina; mulher e esporte; século XIX.*

[...] Collete, uma égua de quatro anos de idade, estava saindo do pasto e parecia tão calma que meu irmão, depois de ter dado várias voltas em torno do pasto com ela, julgou ser fácil conduzi-la e me jogou em cima de seu lombo [...]

Não sei se eu teria sentido medo se tivesse tempo para refletir, mas meu irmão não me deu esse tempo e chicoteou Collete vigorosamente. Ela se lançou num galope frenético acompanhado de saltos e "empinadas", as mais loucas, mas as menos malvadas do mundo.

Concentrei então toda a minha atenção e a minha vontade em não cair da cela. Após cinco ou seis tentativas meio desequilibrada, me endireitei com a ajuda de Deus e, ao final de uma hora, exausta, descabelada e principalmente inebriada, eu havia adquirido o grau de confiança e de presença de espírito necessários para seguir minha educação eqüestre [...].

É nestes termos vigorosos que George Sand relata em sua autobiografia denominada *Histoire de ma vie* (1970), a sua primeira lição de equitação, vivida aos 16 anos sob a orientação de seu meio irmão, Hippolyte Chatiron, no outono de 1820.

Nessa época, a prática da equitação entre as mulheres era, ainda, bastante limitada. No Antigo Regime, embora houvesse algumas exceções, somente as mulheres pertencentes à Corte montavam a cavalo.

Esta situação não evolui antes da Restauração (1815-1830) e é somente com a Monarquia de Julho (1830-1848) que o número de mulheres que montam a cavalo aumenta sensivelmente. A equitação e a dança são as únicas atividades físicas toleradas, senão mesmo preconizadas, para as mulheres jovens ou mesmo adultas.

O valor particular que lhe é assim dedicado decorre, sobretudo, do prestígio social ligado ao seu *status* de arte acadêmico-aristocrática. A equitação é nobre em sua própria essência e sua excelência corporal – retomando a expressão de Jacques Defrance, ou seja, seu estilo, é a: “qualidade estética e ética que impregna os movimentos, a postura e a indumentária: é a busca da graça, da beleza e da elegância” (DEFRANCE, 1987, p. 141).¹

O modo de conceber a equitação para as mulheres no século XIX obedece, perfeitamente, a essas polidas regras de conduta estabelecidas pela aristocracia da Corte, dois séculos antes, na França. Não há um autor de manual de equitação a partir da Restauração, e ao longo de todo o século, que não deixe de sublinhar a graça e a precaução necessárias que devem se fazer presentes no par “cavalo & amazona”, tanto no seu equipamento (montaria para o cavalo, indumentária para a amazona), quanto em sua gestualidade.

Nesse sentido, a equitação apresenta-se como uma escola desejável de civilidade na qual as moças encontram a oportunidade de refinar o domínio de si e a capacidade de movimentar-se com elegância.

Todavia, é necessário que a prática da equitação para elas obedeça a certas regras: guardar as qualidades próprias à sua natureza, medir o gosto pelo exercício e rejeitar, em absoluto, a paixão, uma vez que tanto na equitação como no amor se temem as conseqüências transgressivas. É necessária, ainda, a busca permanente da segurança que limita a ação da amazona a uma prática repetitiva dos movimentos básicos do cavalo: o passo, o trote e o galope.

Todas essas regras George Sand transgrediu com todo seu entusiasmo juvenil e nunca deu a menor importância à *graça* e à *elegância* que deveriam, obrigatoriamente, acompanhar o exercício a cavalo. Também o seu amor pelos cavalos e pela equitação esteve muito longe da moderação, virtude requerida para as mulheres.²

Sob a influência da pedagogia rudimentar de Hippolyte, ela sujeita-se a todos os riscos, não se deixa desencorajar por nenhuma queda – apesar de seu pai ter morrido dessa maneira – e montada num cavalo aprende a fazer tudo aquilo que

¹ As três outras formas de excelência corporal são a *saúde*, a *força* e a *performance*.

² “Você sabe que eu não dou a menor importância à elegância...” escreveu ela à Hippolyte Chatiron em 27 de abril de 1839, *Correspondance*, t. 4, p. 649; cf. Também a carta de 24 de maio de 1826, *Correspondance*, t. 1, p. 337. Cf. ainda as belas páginas sobre Colette, a égua, no livro *Histoire de ma vie* (SAND, 1970, t. 1, p. 1021-1022) e na *Correspondance*, t. 1, p. 212-213.

Gabrielle Houbre

não convém, de modo algum, às mulheres: saltar moitas cheias de espinhos, descer ou subir terrenos íngremes, galopar sozinha nas montanhas.

George Sand recusa, em todas as suas atitudes, a prática normalizada da equitação feminina. Ela montava livremente e aos 17 anos começou a vestir-se com roupas masculinas, o que provocou inúmeros escândalos na província do Berri. Houve, porém, uma regra absoluta que essa audaciosa cavaleira nunca transgrediu: *montar em amazona*, ou seja, no lado esquerdo do cavalo, com as pernas juntas.

Ora, precisamente no século XIX, a equitação feminina reveste-se de uma legitimidade particular, porque se distingue cuidadosamente da equitação masculina, por meio desta prática específica que obriga a mulher a sentar no lado esquerdo do cavalo e não com uma perna de cada lado.

Esta maneira de montar é facilitada por uma sela adaptada que comporta duas forquilhas que mantêm as pernas da mulher juntas e de um único lado do cavalo, dando-lhe assim maior firmeza.

Uma roupa rigorosamente codificada cujo nome é amazona, exatamente como aquela que a veste, singulariza, assim, a silhueta feminina, que “tranqüiliza o pudor”, segundo as palavras de um autor de tratado de equitação de 1830 (ROCHEFORT, 1830, p. 168). Enfim, até o cavalo é de “dama”, pois este animal é especialmente escolhido e adestrado por um mestre de equitação para esta finalidade, ou seja, a equitação feminina.³

Sem dúvida, poucas coisas no século XIX simbolizam melhor a preocupação extrema com a diferenciação dos sexos que essa prática sexista da equitação, preocupação que revela claramente a marca da burguesia. No século anterior, os hábitos aristocráticos permitiam às mulheres da Corte, montar como os homens, ou seja, com uma perna de cada lado do cavalo, nos picadeiros de Versailles.

A burguesia se separa igualmente da aristocracia pela sua percepção diferente do corpo que, segundo Vigarello, não deve mais ser “[...] o signo onde se marcam minuciosamente os pertencimentos, mas a máquina onde se pode decodificar o bom andamento dos dispositivos orgânicos” (VIGARELLO, 1978, p. 92).⁴

Presente desde o fim do século XVIII, esse novo olhar privilegia o desenvolvimento da higiene e do vigor por meio do exercício físico, privilegiando o homem. É somente na Restauração e, mais ainda, na época da Monarquia de Julho que o olhar

³ O “cavalo de damas” deve ter movimentos delicados para não sacudir demasiado sua cavaleira, porém um temperamento vivo – para não cansar a cavaleira para fazê-lo movimentar-se – e obediente sobretudo – o que é uma garantia de segurança, pois as quedas das cavaleiras eram, com efeito, muito perigosas e temidas.

⁴ Cf. também Defrance (1978).

dos médicos se deslocará para o corpo da mulher e que surgirão as primeiras obras sobre a *boa forma fisiológica da moça*.

Em 1835, na obra *L'Éducation physique des jeunes filles*, obra precursora em muitos sentidos, o doutor Bureaud-Rioffrey se admira desse atraso e justifica sua própria ação em termos que serão retomados e consideravelmente ampliados na III República:

Entre tantas obras escritas sobre educação de um modo geral, é estranho que se encontre tão poucas, ou quase nada, sobre a educação física da mulher [...] o aperfeiçoamento da espécie humana deve começar pelo aperfeiçoamento físico da mulher. São, sobretudo, as mulheres que melhoram as raças; e são elas que as deixam degenerar ou perecer.

Seu elogio da equitação evidencia a dinâmica do movimento que lhe é inerente e que afeta positivamente o organismo, ativando a totalidade de seus mecanismos internos (circulação) e externos (musculatura):

A equitação é, de todos os exercícios, aquele que poderia ser aconselhado para as moças, desde que ele não se torne uma paixão. Esse exercício reúne todas as vantagens dos exercícios passivos e dos exercícios ginásticos; ele provoca, de modo paulatino, leves sacudidelas capazes de espalhar, igualmente nas diferentes partes do corpo, os materiais da nutrição; o torso inteiro sendo obrigado a se equilibrar sobre os ossos da bacia, coloca todos os seus músculos em movimento. Não há função que não seja ativada pela equitação.

Os médicos, porém, receiam muitas vezes o uso da equitação para as moças, em razão das deformações físicas susceptíveis de serem desencadeadas pela maneira assimétrica de montar da amazona, num período delicado de crescimento adolescente. Eles se preocupam, então, em chamar atenção para selar o cavalo uma vez do lado esquerdo, uma vez do lado direito, com a finalidade de permitir que as moças continuem a montar "*à amazona*", mas alternadamente dos dois lados de seu cavalo, fazendo trabalhar todo o seu corpo de uma maneira equilibrada. Para Bureaud-Rioffrey, a equitação permanece sendo um exercício bem adaptado às moças, na medida em que age como um agente estimulante do crescimento e permite ativar o surgimento da menstruação que faz da menina, mãe virtual, útil à sociedade (BUREAUD-RIOFFREY, 1835, p. 241).

Muito cedo, George Sand teve uma consciência aguda da ação positiva da equitação sobre a saúde, até mesmo de suas propriedades curativas. Assim, alguns meses apenas após ter iniciado suas cavalgadas, ela elogia, em uma carta a sua companheira de convento, Appolonie de Bruges, os benefícios do exercício, atribuindo-os, bem antes de Bureaud-Rioffrey, "ao movimento do cavalo": "As drogas me fizeram mais mal que bem. O movimento do cavalo me curou mais ou menos" (carta datada da primavera de 1821). Na *Histoire de ma vie*, ela volta novamente ao papel essencial que atribui à equitação nas transformações psicofisiológicas que marcaram sua adolescência:

16 Niterói, v. 7, n. 2, p. 13-26, 1. sem. 2007

Gabrielle Houbre

Este exercício físico influenciou muito meu caráter e meu modo de pensar [...] Eu, a “água morta” do convento, me tornei algo mais temerária que um cavaleiro de Napoleão e mais robusta que um camponês; pois as crianças não conhecem o perigo, e as mulheres, pela força de vontade, vão além das forças viris. (1970, p. 1021-1023)

George Sand ama desenvolver qualidades corporais por meio da equitação, qualidades que vão colocá-la em oposição às normas da época. Longe deste discurso sobre a *fragilidade* e a *fraqueza* constitutivas da *natureza feminina*, ela se orgulha de desenvolver a cavalo a robustez e o vigor. Mais tarde, ela transmitirá com grande satisfação estes princípios à sua filha, Solange.

Esta demonstrou para a equitação gosto e disposição comparáveis aos de sua mãe. Aos 12 anos, acompanhava George Sand ao picadeiro Latry, o mais importante picadeiro parisiense especializado, na época, na montagem a cavalo para damas “elegantes”, conforme escreve Eugène Chapus, em sua obra *Le Sport à Paris*.⁵

Medindo os progressos eqüestres de sua filha e de uma de suas amigas que considerava “quase como sua filha”, George Sand registra paralelamente os benefícios desta cultura da energia: “minha filha não é mais reconhecível”, escreveu ela a um amigo em 1846: “Ela pegou as cores de uma camponesa, ela monta três cavalos todos os dias [...] Minha outra filha cavalga também e empenhou-se em ganhar músculos. Eu... não tenho muito tempo para me dedicar como gostaria a toda esta ginástica” (carta de 26 de maio de 1846).

A partir do Segundo Império a equitação feminina se popularizou, difundindo-se na sociedade: para as damas da aristocracia, tratava-se de guardar sua posição social; para as da nova burguesia, oriundas da Revolução Industrial, tratava-se de ganhá-la.

A equitação, uma atividade onerosa, revela suas pretensões sociais; torna-se então de bom tom mostrar-se com regularidade cavalgando com indumentária e posição de amazona; em 1861 a condessa Stirling-Clarke (1861, p. 14) pôde escrever que “hoje em dia a maioria das damas pertencentes às classes altas ou médias da sociedade colocam a equitação entre os seus talentos”. Em Paris, o Bosque de Bolo-nha oferece o espetáculo cada vez mais freqüente de famílias inteiras cavalgando, de pais acompanhando suas filhas, ou de jovens amazonas galopando ao lado de um treinador profissional.

⁵ Cf. Chapus (1854, p. 156). É, porém, num estilo menos distinto que George Sand descreve a seu filho Maurice suas aulas no picadeiro de Latry: “Eu irei amanhã ao picadeiro para ser sacudida por Sylvio ou por Béarnaise [cavalos por ela montados], pois nós montamos todos os cavalos desajeitados de Mr. Latry”, *Correspondance*, t. 5, p. 128 (carta de 15 setembro 1840); cf. igualmente a carta a Maurice de 20 de setembro de 1840, p. 131, t. 5.

Participando de um movimento higienista de caráter mais geral, o exercício físico para as mulheres e, mais ainda, para as moças é abertamente encorajado, mesmo sem o caráter obrigatório que tem para os rapazes.⁶

Não nos surpreenderemos então ao constatar no *Livret maternel pour prendre des notes sur la santé des enfants*, elaborado em 1869, pelo professor Fonssagrives, em dois fascículos destinados um ao sexo feminino e outro ao sexo masculino que, entre os 21 itens discutidos pelo autor, apenas dois são diferentes: aqueles voltados somente para o menino, tal como “o trabalho do espírito”, vida escolar e o dos “exercícios físicos e de força”, onde figura a equitação entre os exercícios citados. Para as meninas, esses dois itens são substituídos: no lugar do relativo ao *trabalho do espírito*, tem-se o item “puberdade” e naquele dos *exercícios físicos* têm-se as “tabelas da época da menstruação”. E essas diferenciações existem, apesar de Fonssagrives ser um especialista da Educação Física feminina, à qual consagrou, aliás, uma obra (FONSSAGRIVES, 1869).

Mas, se a ginástica por muito tempo considerada “um remédio contra as deformidades ou as debilidades” não se impôs verdadeiramente no século XIX (DUMONS et al., 1987, p. 180), montar a cavalo tornou-se, paradoxalmente, o vetor privilegiado do exercício físico feminino.

O discurso médico que contribui fortemente para normalizar a prática da equitação para as mulheres e que é retomado em grande parte pelos autores de *tratados* ou de *manuals eqüestres* intensifica-se e se enriquece de novos temas que permitem vislumbrar a persistência da percepção tradicional da “natureza” feminina, assim como o esboço de uma certa evolução na constituição do ideal feminino.

À noção de fluidez, erigida como princípio diretor do bom funcionamento do organismo por Bureaud-Rioffrey, vai ser acrescentada, de um modo insistente, a noção de fortificação do corpo em sua plenitude.

Alfred Roger, em sua obra denominada *Livre de l'équitation des dames et de la gymnastique* (1852), esconde-se prudentemente por trás de uma passagem do *Dictionnaire abrégé des sciences médicales*, a fim de “fazer nossas leitoras apreciar corretamente a utilidade da equitação e que não nos acusem de querer transformá-las em centauros femininos”. Ele acentua a “ação tonificante” que a equitação exerce sobre todos os órgãos, deixando-os “mais fortes, mais vigorosos”.

Em 1861, o célebre mestre de equitação Jules Pellier lamenta “a falta quase absoluta de exercícios de fortalecimento” para as mulheres e sublinha a capacidade

⁶ A lei de 27 de janeiro de 1880 torna obrigatório o ensino de Educação Física nos estabelecimentos de ensino destinados aos meninos, mas, facultativo naqueles destinados às moças.

Gabrielle Houbre

da equitação para desenvolver os músculos. Esta é uma atividade esportiva que pode ser executada, sem dúvida, no picadeiro, mas também fora dele na natureza: os pulmões podem, assim, respirar “o ar puro tão necessário à saúde, como um dado suplementar, em uma época em que as teorias sobre os efeitos benéficos do ar puro começam a impor-se” (PELLIER, 1861, p. 128).

Além disso, depois da derrota da França contra a Prússia em 1870, o debate sobre a degeneração – esboçado no meio do século – tem seu apogeu na III República, e não mais deixa de lado as mulheres que devem, por sua vez, tomar parte no combate para a regeneração da raça, como o demonstram as exortações de Eugène Paz, em 1870: “Façam exercícios, minhas senhoras, no interesse de sua beleza e de sua graça, tanto quanto no de sua saúde e da beleza da raça” (PAZ, 1870, p. 115). Trata-se de vitalizar os temperamentos “fracos e debilitados”, conforme expressão de François Lesueur, em 1881 (p. 70). Trata-se, também, de lutar contra as “famosas doenças nervosas” (vapores, paixões e histeria), especificamente femininas.⁷

As virtudes curativas atribuídas à equitação teriam sido, aliás, adaptadas a numerosas e variadas patologias consideradas próprias das mulheres, ao longo de todo o século XIX. Alguns anos antes da Primeira Guerra Mundial, a equitação era reputada como capaz de acabar com “a anemia e a mais negra neurastenia, os dois grandes inimigos da geração feminina atual” (MICHAUD, 1908, p. 3).

A equitação prestigiada pela medicina e pelo meio social tradicional resiste muito tempo às seduções da modernidade encarnada pela bicicleta. Ao comparar os dois exercícios, os mestres de equitação profissionais mostraram-se vitoriosos, analisando os respectivos méritos de ambos e reafirmando sua importância na educação das meninas, como fez Charles Michaud em 1908:

Entre os exercícios próprios para desenvolver a moça, para fortificar o peito e os pulmões, para favorecer e retificar o porte, não há nada superior à Equitação. [...] Enquanto a prática da bicicleta foi reconhecida como negativa para as moças, impondo uma posição inclinada sobre o guidão, obrigando-as a colocar o peito para dentro e a curvar a cintura, a Equitação, ao contrário, pede antes de tudo uma respiração ampla, os ombros afastados, um peito aberto e um porte reto e liberado.

De fato, a equitação vem-se impondo no programa educativo das moças desde a segunda metade do século, ampliando o mundo social para além das paredes da sala, metamorfoseando-o. Uma pedagogia adaptada, comprovada por uma literatura especializada em plena expansão, e estruturas adequadas não faltam para acompanhar e acentuar este novo gosto.

⁷ Sobre as doenças nervosas e, mais genericamente, sobre o discurso médico concernente às mulheres, cf. Knibiehler; Fouquet (1983).

Os picadeiros suscetíveis de acolher as jovens neófitas vão-se multiplicando e em 1862 o grande mestre Jules Pellier abre sua escola de equitação. O humorista Crafty (1890, p. 253) lembrava, no fim do século, que Jules Pellier havia colocado “a cavalo”, a quase totalidade da jovem geração feminina.⁸

Para as moças importa, a partir de então, dominar um saber e uma prática equestres elementares. Tudo o que esta atividade põe em jogo, em grande parte, concerne diretamente às representações sociais e exige delas muito mais que dos rapazes:

Exige-se das mulheres que montam a cavalo muita elegância, um porte absolutamente correto, assim como o domínio de uma certa ciência da equitação, sem a qual uma amazona seria imediatamente considerada ridícula, pois se é mais exigente com o porte das mulheres que para com o porte dos homens.

Pode-se ler essas idéias nos escritos de Lesueur, em 1881 (p. 71). Muitas moças obrigadas a montar e sem se sentirem realmente atraídas pela atividade, limitam-se a uma prática temporária, superficial e de aparência, o que fere todos os cavaleiros apaixonados por esta arte. Desde 1842, Aubert, um dos grandes mestres de equitação especializado na montaria em amazona, irrita-se com a força da moda que reduz a equitação feminina a estratégias sociais:

Há muitas mulheres que montam a cavalo por pura fantasia, a fim de se mostrar três ou quatro vezes em amazona num passeio e que raramente voltam a montar após essas três ou quatro representações; seu objetivo é quase sempre o mesmo e não é necessária uma grande perspicácia para adivinhá-lo. (p. XXV)

Mais de 40 anos depois, o jornalista Henry de Pène sublinha a continuidade do fenômeno, ironizando a “mulher que monta a cavalo para agradar aos outros e a si mesma, repetindo as lições da moda”. Ele apresenta, assim, as motivações desse “esquadrão de mulheres”. Para ele, estas motivações seriam: “emagrecer ou engordar, as convenções, a necessidade, o gosto pessoal, a imitação dos outros, o ciúme, os conselhos médicos, a conquista de *mais-valia* para a sedução, o desejo mais inóceno de tomar a posição do homem e de calçar suas botas”.⁹

Esta última motivação não pode ser negligenciada, pois a silhueta da amazona – mistificada desde a Monarquia de Julho pela literatura romanesca – implica uma toalete codificada severamente, o que é, para muitos, a razão do sucesso da equitação entre as moças. Elas fazem, assim, a felicidade dos alfaiates e das seções de “Moda” dos jornais da “boa sociedade”.¹⁰

⁸ Para o barão de Vaux, Jules Pellier é aquele que obtém grande progresso em relação à equitação “de damas” e que contribuiu significativamente para o forte desenvolvimento desse gosto pela equitação entre as mulheres da “alta sociedade” (1888, p. 131).

⁹ Prefácio ao livro do Visconde d’Hédouville, *La femme à cheval* (1884, p. 8).

¹⁰ Cf. os romances de Balzac, de George Sand, Jules Sandeau, d’Octave Feuillet, Théophile Gautier, Sainte-Beuve etc. Sobre as vestimentas das amazonas, Jules Pellier (1897, p. 18) e Vicomte d’Hédouville (1884).

Gabrielle Houbre

Seria equivocado, todavia, fixar esta imagem “farfalhante” da equitação feminina, pois existia um grande número de moças que “tiravam de letra” suas lições de equitação, considerando os limites estreitos que seus mestres desejavam imprimir à sua aprendizagem.

Desse modo, ficava subentendido que as amazonas deviam contentar-se em dominar seu cavalo nas três cadências: o passo, o trote e o galope; os primeiros manuais escritos para elas na Monarquia recomendavam não confiar às mulheres cavalos “por demais treinados” e “por demais sensíveis”, pois elas não seriam capazes de explorar as capacidades desses animais.

A maioria dos mestres de equitação reconhece, porém, que “a postura e a roupa da amazona” a colocam em desvantagem: a postura porque priva a cavaleira da ação de sua perna direita, o que torna o adestramento e a execução das paradas de “*haute école*”¹¹ particularmente delicados; e as roupas porque são longas, pesadas e impedem sua liberdade de movimento.¹²

Apesar dessas deficiências materiais logo de saída, a ciência eqüestre voltada às mulheres aprofunda-se, nitidamente, a partir do Segundo Império, e o humorista Crafty pode notar, com satisfação, os progressos das amazonas aprendizes em uma apresentação no Bosque de Bolonha ao fim dos anos de 1880:

Uma multidão de meninas-moças, cuja idade não permite ainda terem adquirido grande experiência, possuem toda a aparência de cavaleiras perfeitas que envelheceram sobre o lombo do cavalo [...] há uma grande distância deste espetáculo em relação às lembranças que guardamos da aparição das debutantes de alguns anos anteriores chacoalhando, de maneira detestável, sobre animais desgastados. (p. 253)

Em torno de 30 ou 40 anos antes do surgimento destas alunas atentas, as veteranas demonstraram, de modo brilhante, um domínio eqüestre numa atividade, até aquele momento, exclusivamente masculina: caça de montaria¹³ com cães galgos. Justificada pelo modelo britânico,¹⁴ essa intervenção feminina não se fez sem dificuldade na França, onde ela feria princípios solidamente ancorados.

A caça de montaria, prazer real ancestral, que implica perseguir cervos e raposas no campo, ultrapassando todos os obstáculos naturais que atrapalham o caminho, era considerada bastante perigosa, na medida em que o cavaleiro devia demonstrar, além de qualidades eqüestres sólidas, uma coragem viril. As mulheres não

¹¹ *Haute école*: equitação acadêmica, feita em escolas extremamente especializadas que exigem um treinamento sofisticado e longo tanto da parte do cavaleiro quanto do cavalo. Na França existe, por exemplo, a *École National d'Equitation* na cidade de Saumur. [N.T.]

¹² Cf. Henry Le Noble (1826, p. 59) para a citação, Rochefort (1830, p. 160) e Aubert (1842, p. 21).

¹³ Caça de Montaria: “*Chasse à Courre*”. [N.T.]

¹⁴ Desde o fim do século XVIII as inglesas, obrigadas a montar muito jovens, praticavam uma equitação definitivamente destinada a cavalgar no campo, não hesitando em saltar barreiras ou fossos.

tinham, portanto, lugar neste mundo, ainda mais, porque a cena da morte do animal perseguido, um espetáculo terrivelmente sonoro, sangrento,¹⁵ era julgado incompatível com sua sensibilidade. Num primeiro momento, as mulheres da aristocracia impuseram a sua presença, apesar das reservas e até mesmo das condenações que acompanharam suas primeiras tentativas como, por exemplo, a de Jules Pellier (1861, p. 27):

Vemos, é verdade, na Inglaterra, damas que seguem a caça à raposa, e se expõem aos mesmos perigos que os homens; mas os costumes franceses condenam em absoluto essa usurpação do papel masculino e não admitem que um marido exponha sua esposa a rolar no chão com seu cavalo como um simples jóquei de *steeple-chase*.¹⁶

Percebe-se aqui o surgimento de angústias masculinas: os homens sentem-se ameaçados em suas prerrogativas mais tradicionais e tentam preservar a integridade dessa atividade lúdica que é, também, um lugar exclusivo da sociabilidade masculina, insistindo, então, no *caráter perigoso* da caça de montaria.¹⁷

O discurso não evoluirá muito no decorrer dos anos o que não impedirá o aumento do número de mulheres iniciadas neste tipo de caça; às aristocratas juntam-se as mulheres da alta burguesia, tal como a célebre duquesa d'Uzes, primeira mulher na França a ser mestre dos cães.

O barão de Vaux, fino conhecedor do mundo de esportistas masculinos e femininos, felicita essas mulheres intrépidas que, aos seus olhos, constituíam uma verdadeira vanguarda do movimento feminista que começava a despontar no fim do Segundo Império: "não se fez talvez suficientemente justiça às mulheres que praticavam a caça de montaria", escrevia o barão no seu livro sobre *Le Sport en France et à l'étranger* publicado em 1900:

Estas amazonas posicionaram-se na linha de frente do grande exército da emancipação feminina que, durante os 25 últimos anos, conseguiu tão extraordinários progressos. Elas foram as primeiras a atravessar a barreira que separava os domínios outrora reservados a cada um dos sexos, elas tiraram dos homens o monopólio de um divertimento do qual eles eram os mais orgulhosos e os mais ciumentos, esperando que uma geração de jovens sábias, munidas de diploma conforme as regras, viessem a tomar, não sem grande luta, a maioria das profissões outrora proibidas à metade do mais belo gênero humano. (p. 42)

Porém, uma reminiscência identitária se faz perceptível desde os anos de 1860, e ela se nutre de reminiscências míticas eminentemente simbólicas. As *amazonas*

¹⁵ Este espetáculo era denominado *hallali*. [N.T.]

¹⁶ O jóquei aqui não apresenta mais qualquer traço de aristocracia, montando sem qualquer elegância com o objetivo de obter velocidade e sendo pago para correr com o cavalo. [N.T.]

¹⁷ Percebem-se reações similares em relação às primeiras mulheres que praticam caça de montaria, estas "mulheres que nada temem e que se colocam voluntariamente à parte dos deveres e atribuições de seu sexo", escreveu o Visconde de Montigny (1853, p. 60).

Gabrielle Houbre

guerreiras dos tempos antigos, que recusavam a companhia dos homens e não hesitavam em desafiá-los do alto de seus cavalos montados “em pêlo”, surgem sinuosamente nos discursos e traem os desejos dos homens, que vêem as mulheres *fugir a galope* de suas construções mentais e sociais relativas ao sexo.

A confusão dos sexos ameaça e podemos ouvir Pellier chamar a atenção das cavaleiras por demais ousadas: “a amazona [...], apesar da origem belicosa desse nome, não é obrigada, em nossos dias, a demonstrar força física, audácia e temeridade” (1861, p. 127). Na Terceira República, novas concepções das relações que as mulheres devem ter com seus corpos vão sendo afirmadas pouco a pouco.

Da noção de simples exercício higiênico, passa-se àquela de atividade esportiva, insistindo mais sobre o caráter recreativo desta última que sob seus aspectos “atléticos”.

As moças e as mulheres esboçam, com prazer, uma verdadeira cultura esportiva, saboreando as novas práticas físicas como a bicicleta, o tênis, a natação e mesmo, um pouco mais tarde, a aviação, sem renunciar aos encantos da equitação.

Porém, os autores dos manuais de equitação continuam a reforçar a necessidade absoluta, para as amazonas, de conservar os princípios habituais da *graça* e da *elegância* e de não arriscar uma situação na qual elas teriam de fazer uso de sua força física: “não se deve perceber jamais um esforço de sua parte”, aconselha Henri Liévin em sua *Lettre ouverte à une amazone* (1914).

Catulle Mendès faz uma pergunta obsessiva aos homens do fim do século XIX no prefácio que escreve para o livro de autoria do barão de Vaux, consagrado às *Femmes de sport* (1885): “Quem pode prever até onde a mulher se virilizará?”.

É verdade que os anos de 1880 iniciaram-se sob o signo da transgressão em relação à equitação. Ernest Mollier mandou construir em sua propriedade parisiense um pícadeiro circular como aqueles dos circos, no qual foi visto, pela primeira vez e em público, uma cavaleira de “*haute école*” montando como um homem, ou seja, com uma perna de cada lado do cavalo.

Não é anódino que essa primeira demonstração pública na história das amazonas do século XIX tivesse acontecido neste local periférico como o do circo: os artistas que lá se apresentam são socialmente marginalizados e quando são cavaleiros ou cavaleiras, a sua prática eqüestre encontra-se também marginalizada em relação às normas acadêmicas.

Ernest Molier, que se vangloria de ser o primeiro a “colocar uma mulher na posição de homem” sobre um cavalo, não quis fazer uma obra de emancipação, bem ao contrário, ele se vangloria de ser “um fervoroso admirador da graça feminina e não encontra “nada de mais feio” e de “mais desarmonioso” que uma mulher a

cavalo, na posição de homem. É, antes de tudo, guiado por preocupações ligadas à mais pura lógica eqüestre que ele arriscou essa audácia, “[...], convencido de que, quando uma mulher sabe montar como um homem, ela ganha uma solidez e um manejo do cavalo que ela nunca teria adquirido como amazona” (MOLIER, 1904, p. 12; lettre de Molier em ANDRÉ, 1908, p. 198).

Molier teve, porém, um precursor célebre na época do Primeiro Império na pessoa do antigo mestre de equitação do picadeiro real das *Tuileries*, Pons d’Hostun. Ele desejava que suas alunas montassem como homens durante a aprendizagem dos passos do cavalo e dos movimentos básicos de flexibilidade, deixando-as voltar às roupas de seu sexo, somente quando julgava seu conhecimento eqüestre suficiente.

Ele justificava também, longamente, suas escolhas e parecia assumir o aspecto subversivo desta troca de roupa e de postura, chegando a formular estas frases temerárias: “o talento que vocês querem adquirir, minhas senhoras, vai mudar seu sexo e eu farei com que vocês sejam o adorno de um e do outro” (D’HOSTUN, 1806, p. 23).

Pons d’Hostun não teve sucesso em sua pedagogia, sem dúvida coerente na perspectiva da arte eqüestre, mas incompatível com as obrigações sociais e culturais que evocamos. Seus sucessores sempre protestaram sobre o ridículo de uma posição inadequada com a conformação anatômica da mulher.¹⁸

Molier contenta-se em fazer com que algumas mulheres, protegidas em seu picadeiro, montem como homem. Ele lançou a moda das cavaleiras travestidas em homem, mas esta prática nos anos de 1880 não chega a transpor as portas da sociedade.

Somente a mulher do pintor Jacquet, vestida de saia-calça e em posição de homem sobre o cavalo, arrisca-se no bosque de Bolonha. O verdadeiro debate sobre “montar a cavalo como homem” impõe-se, de fato, nos anos de 1900. O grande inquérito lançado sobre “a mulher nos esportes modernos” pela *Revue des Revues*, em julho de 1900, aborda várias vezes o assunto. O jornal *Femina* consagra igualmente vários artigos,¹⁹ sinal de que essa prática começava a banalizar-se em parte sob o efeito da influência de moças inglesas ou americanas das famílias de elite (da *finis flor!*) que passeavam assim no bosque de Bolonha. As resistências, porém, são fortes.

As adeptas de “montar como homem” são vistas como feministas, o que é raramente um elogio. Em 1890, Crafty descreve a silhueta de madame Jaquet a cavalo com estas palavras jocosas:

¹⁸ Cf. por exemplo o visconde de Montigny (1853, p. 17).

¹⁹ Cf. por exemplo os n. 118 (15 dez. 1905) e 153 (1º jun. 1907).

Gabrielle Houbre

prática com perseverança uma forma de equitação cujo emprego não se vulgariza no presente momento. As outras *amazonas* esperam, sem dúvida, para adotá-la, de ter obtido o reconhecimento de todos os seus direitos políticos de ser eleitoras, elegíveis, guardas nacionais e juiz de paz, ou melhor... que sua estrutura atual seja, sensivelmente, modificada (CRAFTY, 1890, "L'Allée des Poteaux").²⁰

Alguns anos depois, Molier, pela virulência de seus ataques contra as mulheres, parece pedir perdão de suas ousadias de mestre de equitação:

não suporto a mulher que apresenta aparência masculina, devo dizer até que, para mim, cada vez que ela se transforma em homem de uma maneira qualquer, eu a renego completamente e a grande atração que tenho pelo seu sexo se transforma em repulsão. Assim como não pode haver mulheres a cavalo em posição de homem, não poderá também haver deputadas, donas de cartórios, escritvãs, cocheiras, etc... (Carta de Molier em ANDRÉ, 1908, p. 198)

... de tudo o que dissemos neste artigo, podemos perceber que as difíceis relações entre os sexos no século XIX podem ser abordadas... *a cavalo*.

Tradução: Carmen Lúcia Soares

Abstract: In the 19th century, the obsession about gender difference did not allow the development of horse riding for women, only brought the possibility to legitimate the practice of riding "in amazon", that means, sitting in the left side of the horse with the two legs together. This form of riding attended to the rules of "good education" and was encouraged as new practice of horse riding since the first Monarchy and also was a form of fighting against a certain kind of languidness of women that was jugged excessive. This article analyzes the different faces of the feminine riding of the period and the physical and symbolic appropriation, for the women, in the masculine way to mount.

Keywords: horse riding for woman; women and sport; 19th century.

Referências

ANDRÉ, Emile. *L'éducation physique et sportive des jeunes filles*. Paris: Flammarion, 1908.

²⁰ Alameda dos Postes. [N.T.]

- AUBERT P.A. *Equitation des dames*. Paris: chez l'auteur, 1842.
- BARÃO DE VAUX. *Les hommes de cheval*. Paris: Rothschild, 1888.
- _____. *Le sport en France et à l'étranger*. Paris: Rothschild, 1900.
- BUREAUD-RIOFFREY, A. M. *L'Éducation physique des jeunes filles*. Paris: J. Rouvier et E. Le Bouvier, 1835.
- CHAPUS, Eugène. *Le sport à Paris*. Paris: Hachette, 1854.
- CRAFTY. *Paris au bois*. Paris: Plon, 1890.
- DEFRANCE, Jacques. *La fortification des corps: essai d'histoire sociale des pratiques d'exercices corporels*. Tese E.H.E.S.S., Paris, 1978.
- _____. *L'excellence corporelle : la formation des activités physiques et sportives modernes 1770-1914*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1987.
- D'HOSTUN, L. H. de Pons. *L'écuier des dames ou lettres sur l'équitation*. Paris: Mme Huzard, 1806.
- DUMONS, Bruno et al. *Naissance du sport moderne*. Lyon: La Manufacture, 1987.
- FONSSAGRIVES, J.B. *Livret maternel pour prendre des notes sur la santé des enfants*. 2.v. Paris: Hachette, 1869. Tomo 1: sexe féminin, tomo 2: sexe masculin et l'éducation physique des jeunes filles ou avis aux mères sur l'art de diriger leur santé et leur développement.
- KNIBIEHLER, Yvonne; FOUQUET, Catherine. *La femme et les médecins*. Paris: Hachette, 1983.
- LE NOBLE, Henry. *Traité d'équitation à l'usage des Dames*. Paris: Dupont, 1826.
- LESUEUR, Stanislas-François. *Cours d'équitation pratique appliqué à l'élément civil et aux jeunes gens*. Le Mans: Monnoyer, 1881.
- MICHAUD, Charles. *Cours d'équitation pour les Amazones*. Troyes: Nouel, 1908.
- MOLIER, Ernest. *Cirque Molier 1880-1904*. Paris: Dupont, 1904.
- PAZ, Eugène. *La gymnastique raisonnée*. Paris: Hachette, 1870.
- PELLIER, Jules. *L'équitation pratique*. Paris: Hachette, 1861.
- _____. *La selle et le costume de l'amazone*. Paris: J.M. Place, 1987 (1897).
- ROCHFORT, A. T. M. Rigault de. *L'équitation des gens du monde, promenades à cheval*. Paris: Canel, 1830.
- SAND, George. *Histoire de ma vie*. t. 1. Édition G. Lubin. Paris: Gallimard: La pléiade, 1970.
- STIRLING-CLARKE. *Le cheval et l'Amazone*. Bruxelles: Parent, 1861.
- VIGARELLO, Georges. *Le corps redressé: histoire d'un pouvoir pédagogique*. Paris: Delarge, 1978.
- VISCONDE D'HÉDOUVILLE. *La femme à cheval*. Paris: Ollendorf, 1884.
- VISCONDE DE MONTIGNY. *Equitation des dames ou guide de l'élève-écuyer*. Saumur: Furgaud, 1853.